Trabalho 850

UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: VIVÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NA ASSISTENCIA AO ADOLESCENTE EM RISCO EMINENTE DE MORTE.

Valeska Galdino da Silva[1], Kátia Regina Barros Ribeiro[2], Ana Mariza de Carvalho Souza[3], Lílian Katiússia Araújo de Medeiros[3], Ricardo André Escorel Alves[3], Patrícia Medeiros da Silva[4].

INTRODUÇÃO: Antigamente o morrer consistia em uma experiência vivenciada fora de ambiente hospitalar, mais próximo aos familiares. Com a criação dos hospitais, a morte tem sido vivenciada com maior frequência nestes estabelecimentos, estando cada vez mais distante do âmbito familiar. Os profissionais da saúde, por sua vez, vivenciam diariamente o conflito do limiar entre a vida e a morte. Esse cenário passa a ser caracterizado pela mistura de emoções, as quais vão desde a esperança de melhora e cura até a aceitação da morte. A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) hospitalar é um espaço no qual a morte, geralmente, ocorre com maior frequência[1]. Nem sempre, por mais que vivenciem com frequência, os profissionais deste setor estão preparados para enfrentar esta fase, uma vez que durante a sua formação, o estudo da morte e o morrer são trabalhados superficialmente. O encaminhamento para a UTI ocorre em situações de rebaixamento do nível de consciência, instabilidade hemodinâmica ou insuficiência respiratória grave. Dentre as doenças que causam a insuficiência respiratória está a fibrose cística, pois é caracterizada por inflamação progressiva e deterioração da capacidade funcional do pulmão[2]. Laurent, Ribeiro e Issi (2011) estudando a fibrose cística na terminalidade, afirmam que muitas vezes esses pacientes são acompanhados por toda a vida, gerando um vínculo entre paciente-família-equipe, de modo que os profissionais também sofrem com a morte do paciente e o sofrimento da família. **OBJETIVOS:** descrever a percepção de acadêmicos de enfermagem no cuidado a um portador de fibrose cística em risco eminente de morte. **DESCRIÇÃO METODOLOGICA:** estudo descritivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido a partir da vivência de acadêmicos de enfermagem do sexto período de uma universidade pública do Rio grande do Norte. As atividades ocorreram durante a prática de campo na UTI de um Hospital Escola de Natal/RN, no período de 16 a 21 de outubro de 2012, com uma carga horária total de 16 horas. **RESULTADOS:** Preparar-se para enfrentar as formas como o ser humano supera as fragilidades do organismo é algo que comporta equilíbrio mental, interpessoal e social. O controle do sentimento e das necessidades de perceber o que o outro está precisando, sem envolver-se ao ponto de interferir na atenção a este indivíduo, requer sensibilidade, competência e profissionalismo. Observamos que, dentro do ambiente hospitalar, um dos setores que mais implica na necessidade de controle, equilíbrio emocional, e de competência profissional é a Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Tivemos a oportunidade de acompanhar vários pacientes e conhecer suas histórias clínicas, aprendendo sobre cada caso. Dentre os pacientes internados, aquele que nos despertou maior atenção foi um jovem de apenas 17 anos de idade, sexo masculino, raça negra, provindo da zona rural de sua cidade, com diagnóstico de fibrose cística desde os dois anos. Manteve-se dependente dos cuidados de seus familiares durante todo esse período. Estes, conscientes sobre a sua doença, tentavam da melhor forma

1 Acadêmica de Enfermagem do 7º período da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. E-mail: valeska_1302@hotmail.com.
2. Enfermeira. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRN. Professora do Departamento de Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
3. Acadêmicos de Enfermagem do 7º período da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN.
4. Acadêmica de Enfermagem do 6º período da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN.

Trabalho 850

possível proporcionar as melhores condições de vida ao seu ente querido. A experiência de acompanhar um paciente crítico jovem e sem um prognóstico favorável nos trouxe a reflexão acerca do mundo e da vida. Em meio a tantas oportunidades, interesses pessoais e especificidades dos indivíduos, sentimos a fatalidade de um paciente tão jovem, passar pelas fases iniciais de sua vida com tanta dificuldade. Igualmente, observar as tarefas, desde as difíceis até as mais simples, que foram reprimidas devido à sua doença, nos trouxe os seguintes questionamentos: que oportunidades ele teve, direito de escolha, viveu sua adolescência com normalidade, apaixonou-se, concluiu os seus estudos? Como ele se sentia. A notícia de seu falecimento após alguns dias de estágio nos deixou sensíveis, pois lidar com a situação de morte é difícil e sofrido. Na realidade, imaginar o sentimento de perda dos familiares não é fácil, pois compreender que todo o sofrimento chegou ao fim, talvez seja aceitável, todavia aquela pessoa não mais estará com eles, portanto, a dor é inevitável. **CONCLUSÃO:** A partir das atividades desenvolvidas foi possível identificar, que a vida de um paciente portador de fibrose cística se desenvolve de forma bastante diferenciada, quando comparada aos indivíduos não portadores desta doença. Compreendemos a necessidade e importância das Unidades de Terapia Intensiva, sendo responsáveis por grande parte das recuperações de pacientes em estado grave. Neste cenário, pôde-se comprovar que o trabalho por meio de uma equipe multidisciplinar fornece um cuidado integral em todos os parâmetros. Essa relação de companheirismo e cumplicidade oferece maior qualidade às atividades desempenhadas, de modo que contribui com a diminuição do estresse e tensão existentes em um ambiente de UTI, onde o limiar entre a vida e a morte se apresenta estreitamente ligado. Assim sendo, nos firmamos na certeza de que, na continuidade de nossas atividades ao longo do curso, conseguiremos visualizar com maior intensidade a complexidade do paciente crítico e de nossas funções em relação a isso. Principalmente, sem esquecermo-nos de manter o olhar holístico que construímos e o detectar da necessidade do próximo, nem que seja apenas para tocar em sua mão, no momento em que a morte o venha afagar. **IMPLICAÇÕES PARA A ENFERMAGEM:** Destaca-se a importância do trabalho em equipe, assim como o apoio aos sentimentos que surgem nas mais diversas situações vivenciadas no cotidiano do cuidado, para que as relações entre a equipe, o paciente e os seus familiares sejam desenvolvidas da melhor forma, e assim possamos manter a nossa conduta profissional, conservando nossa humanescência.

DESCRITORES: Enfermagem; Morte; Terapia Intensiva.
EIXO TEMÁTICO: Eixo II - Interfaces da Enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em saúde.

REFERÊNCIAS:

1. Sulzbacher M, Reck AV, Stumm EMF, Hildebrandt LM. O enfermeiro em Unidade de Tratamento Intensivo: vivenciando e enfrentando situações de morte e morrer. Scientia Medica. [Internet]. 2009 jan./mar [acesso em 02 nov. 2012]; 19(1):11-6. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scientiamedica/article/viewDownloadInterstital/3873/7817.
2. Mohan K, Ledson MJ, Walshaw MJ, Marchiori E. Pneumotórax espontâneo simultâneo bilateral em um paciente adulto com fibrose cística. J. BrasPneumol. [Internet]. 2009 [acesso em 02 out. 2012]; 35(2):194-6. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-71320090002000015&script=sci_arttext&tlng=pt.
3. Laurent MCR, Ribeiro NR, Issi HB. Fibrose cística e terminalidade. Rev. HCPA. [Internet]. 2011 [acesso em 02 nov. 2012]; 32(2):243-7. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/hcpa/article/view/20855.